

Educomunicação: O rádio como ferramenta da cidadania

*Peterson Ramos¹
Moacir Alves de Faria²*

Resumo

A Educomunicação busca promover diálogos que gerem uma nova relação entre escola e sociedade. Projetos Educomunicativos objetivam fazer com que professores, funcionários, alunos e pais de alunos dialoguem e discutam de forma franca e aberta os problemas da escola, da comunidade ou mesmo do Estado, usando, sempre que possível, recursos tecnológicos para potencializar esse diálogo e as ações a serem implementadas para a resolução dos problemas. Na perspectiva Educomunicativa, o uso de qualquer aparato tecnológico de comunicação só se justifica quando está a serviço da humanização das práticas educacionais e do exercício da cidadania.

Palavras Chave: educação, pedagogia, TICs, tecnologia, cidadania.

INTRODUÇÃO

A sociedade vive numa busca constante pelos direitos de cidadania. Entender a relação entre cidadania e escola é uma questão fundamental para os educadores. Cabe perguntar: a instituição escolar, além de ensinar o conhecimento científico, deve assumir a incumbência de preparar as pessoas para a cidadania? O que isso exigiria dos agentes escolares? Cidadania se aprende e se ensina? Onde e como se aprende a cidadania?

A proposta pedagógica aqui adotada apoia-se em três pilares distintos e complementares: o conceito de Educomunicação, uma pedagogia de projetos e a ideia de escola cidadã.

Sustenta-se que, no âmbito escolar, projetos que utilizam os pressupostos da Educomunicação podem favorecer a expressividade e atitudes colaborativas dos estudantes, a partir da utilização de novas tecnologias de comunicação.

¹ Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de São Roque, 2013.

² Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ouro Fino. Coordenador acadêmico de Pedagogia - FAC SÃO ROQUE, professor universitário - FAC SÃO ROQUE e professor da Universidade Nove de Julho. Professor orientador.

A pedagogia de projetos, por sua vez, possibilita o desenvolvimento da autonomia intelectual, da capacidade de aprender a aprender, de tomar decisões e fazer escolhas dos alunos. Isso porque os projetos são construções coletivas, que favorecem a ideia de autoria.

Na escola cidadã, alunos, professores, funcionários e pais de alunos discutem coletivamente a forma de melhorar a vida escolar e trabalham conjuntamente para que isso aconteça.

Vê-se que estes três pilares: Educomunicação, pedagogia de projetos e escola cidadã – fundem-se no que diz respeito à formação de um cidadão crítico que, sem dispensar o trabalho colaborativo em rede, sabe imprimir autoria a seus projetos.

1. ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS

Sustentamos que a dificuldade de comunicação impede a socialização do conhecimento. De forma complementar, notamos que a comunicação está presente em todos os contextos em que ocorrem processos educativos, ou seja, na educação formal, não formal e informal.

A ausência de diálogo na escola é atribuída a uma série de fatores: falta de tempo ou mesmo de espaço físico para o encontro. Mas, muitas vezes, também há uma carência de abertura autêntica para o diálogo.

O principal objetivo de um Projeto Educomunicativo é justamente o de, através de tecnologias de comunicação e informação, melhorar a relação entre os sujeitos que atuam na escola e desta com a comunidade, promovendo a troca, a união e a comunicação. Não se trata de uma abordagem instrumental de domínio de tecnologia e técnicas, mas da aquisição e do desenvolvimento de uma capacidade de comunicação que valorize cada indivíduo.

É fundamental, nesta abordagem, o reconhecimento e o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada um e a aplicação desse potencial para elevar a qualidade de comunicação na comunidade à qual o indivíduo pertence.

Na perspectiva da Educomunicação, deve-se pensar na apropriação das novas tecnologias, não com o objetivo de alimentar a competição desenfreada e ilusória — como muitas vezes ocorre nas mídias tradicionais, guiadas pela lógica do mercado —, mas para criar e alimentar ecossistemas comunicativos, com o objetivo de formar cidadãos mais críticos e uma sociedade mais justa e humana.

Para a Educomunicação, a técnica só se justifica se estiver a serviço da humanização das práticas educativas, favorecendo os ecossistemas comunicativos. Assim, falar de mídia sob o

ponto de vista da Educomunicação, não significa superestimar o valor da técnica. Ao contrário, quando aplicadas à educação, as novas tecnologias devem estar a serviço da humanização, promovendo diálogos que gerem uma nova relação entre a escola e a sociedade.

Enfim, um projeto em Educomunicação busca levar educadores e educandos a promoverem, juntos, num clima de intensa dialogicidade³, uma leitura do mundo, construindo na escola o que, em Educomunicação, se chama “ecossistema comunicativo democrático e participativo”.

2. PROTAGONISMO JUVENIL

Na Educomunicação, o “receptor ativo” pode transformar-se também em “comunicador criativo”, caso tenha condições de aprender e de vivenciar novos modos de fazer comunicação. Para que isso aconteça, é necessário um contexto favorável.

Quando falamos em contexto, falamos em cenários, em atores, em relações interpessoais e grupais. Um bom exemplo disso é o "Rádio Escola".

O rádio na escola necessita ser concebido como um projeto comunitário, envolvendo diretores, coordenadores, professores, estudantes, funcionários, enfim, todos os integrantes da comunidade escolar.

Projetos bem-sucedidos têm em comum a concepção e o envolvimento de diversos agentes ligados ao cotidiano escolar. Dentro de uma perspectiva Educomunicativa, a criação de uma rádio na escola deve promover a participação crítica e igualitária dos indivíduos, permitindo que todos os segmentos possam se expressar, discutindo e refletindo sobre seus problemas, suas ideias e inquietações, mediando diálogos que nem sempre são possíveis face a face.

Ter como objetivo fomentar o protagonismo entre os jovens exige que repensemos nossos próprios valores e, principalmente, nossa postura frente a eles. Só assim conseguiremos criar — e é bem esta a palavra — criar — processos e procedimentos que redimensionem as relações entre a escola e a sociedade.

3. RECEPÇÃO ATIVA

³ Dialogicidade: Fazendo referência ao termo utilizado por Paulo Freire no livro “Pedagogia do Oprimido”- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e terra, 42 ed. 2005.
Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

Numa sociedade em que as imagens estão por toda parte, sustentando uma cultura da visualidade hipertrofiada, certos autores criticam o desequilíbrio perceptivo que associa o rádio a uma ideia de passividade.

Para ouvir sons, basta que sejamos passivamente receptivos, aprendemos a ser passivos. Já para a recepção da imagem, somos obrigados a ser ativos, a direcionar o nosso olhar para algum objeto. [...] Joachim-Ernst Berendt fala de uma coisa curiosa, de um sentido “masculino” invasivo do olhar e de um sentido “feminino”, receptivo do ouvir. Portanto, todas as implicações de atividade e passividade, de invasão ou de receptividade estariam presentes nos contextos em que ocorre o predomínio da visão ou da audição.

Temos que considerar ainda outra coisa deste ativo/passivo. Vejamos que passivo vem de “passion” ou “passione”, que significa paixão e que está associado a sensação e sentimento. Está associado a sentir. E ativo vem de ação e que está associado a agir, a fazer. Temos aí dois grandes universos que evidentemente se complementam, que interagem e que são ambos importantes. Mas, enquanto houver o desequilíbrio entre os dois universos, do ativo e passivo, será nossa percepção e nossa relação com o mundo que estará vivendo em desequilíbrio. (Norval Baitello Junior, *Cultura do Ouvir*. In: *Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta*, ECO, 1997)

Baitello Junior acredita que essa ideia de passividade deva ser superada por uma nova “cultura do ouvir”.

A ideia de que o ouvinte é passivo apoia-se também nas correntes fundadoras das teorias da comunicação. Grosso modo, a vertente funcionalista norte-americana e os autores da Escola de Frankfurt percebiam os receptores dos meios como manipuláveis, com um papel passivo no processo de comunicação. Essa concepção alimenta, ainda hoje, a desconfiança que, de maneira geral, os agentes educativos têm do rádio - ou melhor, de toda a mídia (jornal, rádio, televisão, internet).

Na escola, a discussão sobre a mídia quase sempre se encaminha no sentido de descobrir a melhor maneira de “filtrar” as mensagens dos meios massivos, de modo a “neutralizar” uma eventual influência nociva das mídias.

Tal ponto de vista se respalda nas abordagens mencionadas que, a despeito de suas diferenças, tinham uma visão similar do receptor. Embora essas perspectivas tenham desempenhado papel significativo na evolução dos estudos da comunicação — e também da educação — aos poucos estão sendo superadas por ideias novas que reconhecem a independência e a singularidade do sujeito receptor; no caso do rádio, do ouvinte. É o que

ocorre, por exemplo, na vertente latino-americana dos chamados “estudos culturais” e na “teoria das mediações”.

O ouvinte, assim como o receptor dos meios de maneira geral, começa a ser visto como um sujeito ativo e pensante, e não apenas como um ser que recebe e aceita passivamente as informações que circulam. Assim, fala-se em recepção ativa, no sentido de que as mensagens consumidas são reelaboradas em diferentes contextos, como a família e a própria escola.

Além disso, já não é de agora que o rádio oferece ao público uma diversidade de programas, fazendo a própria ação de escolha representar uma atividade do "consumidor sonoro". Ou seja, os mecanismos de disputa de audiência são constituídos sobre o reconhecimento de uma ação participativa e afirmativa do ouvinte. O consumo dessa comunicação sonora transformou o público num ouvinte especializado e sofisticado, com gostos e opiniões próprias. O ouvinte sabe o que quer ouvir e, sobretudo, sabe defender seus gostos.

Enfim, o receptor dos meios de comunicação de massa, de qualquer idade, não é passivo, é um sujeito pensante. Os projetos Educomunicativos podem maximizar essa dimensão, ao propiciarem espaços de diálogo na escola.

3.2. O RADIO E COTIDIANO

Há bastante tempo o rádio exerce influência forte no cotidiano das pessoas. O veículo costuma estar presente na vida de todos nós, em diversas ocasiões.

É comum as pessoas utilizarem o rádio nas situações listadas acima.

Entre os meios de comunicação de massa, costuma-se dizer que o rádio é capaz de atingir o maior número de pessoas.

De fato, algumas de suas características lhe dão um alto poder de uso e penetração. Por exemplo:

- **Abrangência e regionalismo** — o rádio atinge todo o país, há um grande número de rádios que produzem localmente, por isso uma de suas marcas é a valorização das expressões e formas de linguagem regionais.

- **Portabilidade** — é possível carregar um aparelho de rádio para qualquer lugar; ele pode funcionar em pontos aonde o sistema de energia elétrica não chega e em locais de geografia pouco favorável.

- **Imediatismo e instantaneidade** — um evento pode ser transmitido pelo rádio no momento em que acontece, como no caso de partidas de futebol ou outras coberturas jornalísticas.

- **Autonomia do ouvinte** — por envolver somente a audição, o rádio permite que outras atividades sejam feitas por quem o escuta, sendo um “pano de fundo” do cotidiano; mas o ouvinte pode passar a concentrar-se mais quando percebe algo de interesse.

- **Interatividade** — os ouvintes podem participar de uma transmissão radiofônica, interagindo com os produtores, enquanto ela acontece.

- **Personalização/customização** - o rádio permite a adequação do conteúdo recebido às experiências e bagagem prévia do receptor da mensagem, a partir da referência ao seu imaginário. Por isso, tais informações tem alta probabilidade de se transformarem em conhecimento ao serem inseridas em suas vidas, tornando-se agentes de mudança na vida dos ouvintes por elas atingidos.

- **Meio oral** - não há a exigência de que o público seja alfabetizado para ouvir mensagens radiofônicas, e, em sociedades com nível baixo de alfabetização, essa característica torna o rádio um importante instrumento de informação e de educação.

- **Linguagem simples** — pelas características já apontadas, como a abrangência, o caráter oral e a autonomia que os ouvintes possuem, os produtores de rádio procuram utilizar uma linguagem simples e expressiva: nítida, concisa, com repetições e variações e agradável à audição.

- **Baixo custo** — o preço do receptor de rádio é baixo, comparado com outros aparelhos domésticos, como a televisão, e a oferta a preços diversificados favorece a aquisição do veículo por grande parte da população.

Apesar de sua ampla penetração na sociedade brasileira e de ser um veículo capaz de ajudar em iniciativas educacionais, o rádio ainda não tem presença forte nas escolas do país.

3.2. O RADIO NA ESCOLA

Apesar de o rádio ainda não figurar como um recurso pedagógico com presença massiva nas escolas brasileiras, existem algumas iniciativas de sucesso que usam o veículo no contexto educacional.

Circulam pelo Brasil notícias cada vez mais frequentes de que o rádio tem sido escolhido como um recurso privilegiado no processo educativo, algo que pode, à primeira vista, parecer até meio fora de moda, diante das tecnologias digitais. Mas, como veremos, o computador e a internet são hoje instrumentos que podem potencializar o uso dos recursos sonoros e do rádio na escola.

A paixão pelo rádio explica-se pela fato de a linguagem radiofônica ser capaz de facilitar o ideal de muitos professores de construir um processo educativo a partir do lugar onde seus estudantes se encontram. Embora outros recursos tecnológicos também facilitem essa ação, características do veículo, como custo mais baixo e menor complexidade técnica, tornam o rádio a melhor opção de muitos educadores.

Em projetos espalhados pelo Brasil, o rádio vem-se convertendo num recurso tecnológico capaz de resgatar e valorizar a voz dos membros das comunidades, independentemente das condições sociais, econômicas e culturais dos sujeitos (professores, jovens aprendizes, agentes culturais etc.) envolvidos nos processos de formação.

Queremos uma rádio que tenha a participação de todos, seja livre para a gente dizer o que pensa e dê transparência ao que se faz na escola. Antes de serem tomadas decisões que mexem com a gente, queremos que elas sejam apresentadas e discutidas na rádio, e que ela convide toda a comunidade a se manifestar. Queremos uma rádio que não fira ninguém com nenhuma forma de discriminação, que ajude a nos prevenir contra a ameaça das drogas e da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma nova ordem de comunicação prevê a identificação da ordem existente. É necessário saber que fatores estão dificultando ou favorecendo a comunicação entre os agentes do processo educativo. Esses fatores podem ser de natureza diversa: questões políticas, humanas, de infraestrutura etc. Só com esse diagnóstico em mãos é possível planejar qualquer ação Educomunicativa. Ele é a primeira fase da elaboração de um projeto.

A comunidade escolar está diretamente ou indiretamente tratando de fatores sociais relevantes, que de certa forma, repercute na vida e no desenvolvimento de cada um. Tendo como Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

base que a Educomunicação abrande uma diversidade de formas de “se comunicar” e esse comunicar precisa estar relacionado a um implemento “humanizador” e o principal objetivo de um projeto educucomunicativo é justamente o de, através de tecnologias de comunicação e informação, melhorar a relação entre os sujeitos que atuam na escola e desta com a comunidade, promovendo a troca, a união e a comunicação; a fim de iniciar uma reflexão sobre um trabalho capaz de aprimorar o diálogo entre os agentes (professores, alunos, diretores, coordenadores e demais funcionários) da mesma, avaliando o possível papel dos meios de comunicação nessa direção - dando destaque para o recurso midiático "rádio". Desta forma, possibilitar a apropriação dos recursos midiáticos a partir do ponto de vista, dos interesses e das necessidades de quem deles se apodera.

Buscando com o uso da tecnologia: a mediação de conflitos e a promoção de valores humanos e solidários na escola; a discussão de temas transversais como sexo, direitos e cidadania, violência e meio ambiente, de forma natural, franca e aberta; a promoção da gestão participativa dos meios de comunicação, da informação e do próprio espaço escolar; um comprometimento maior dos sujeitos com a transformação social.

Sabemos que a comunicação não tem fronteiras e que atreladas aos conceitos de valores, desenvolvimento, bem estar e cidadania (conceitos esses fundamentados na Educomunicação) só tem a garantir o protagonismo juvenil e trazer frutos para o desenvolvimento social e contribuir para a formação do caráter não só do cidadão como da coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1985.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo. Paulus, 2006.

BRIGGS, Asa e BURKE. **Uma história social da mídia**. De Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CITELLI, Odair. **Comunicação e educação: A linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 2000.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicador é preciso!** In: SOARES, Ismar de Oliveira (Coord). Caminhos da educomunicação. São Paulo. Salesiana, 2001.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia**. São Paulo. Centauro, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Instrução elementar no século XIX** In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia Greive (Org.).

FERREIRA, L. C. **Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade**. In: BRASIL. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
_____. Escola primária para o Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 86, n. 212, p. 95-107, jan-abr 2005.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & mídias**. São Paulo: EDUFAL, 2001.

GONTIJO, Silvana. **O mundo em comunicação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

MAMET, David. **Sobre direção de cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARTIN-BÁRBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTIRANI, L. A. **Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo da Educomunicação Socioambiental**. In: Anais XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom: Natal/RN, 2008.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom, 2003.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípios**, Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira (coord.). **Cadernos de educomunicação 1: caminhos da educomunicação**. São Paulo: Salesiana, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educação a distância como prática educacional: emoção e envolvimento na formação continuada de professores da rede pública**, Revista USP. São Paulo: n. 55. p. 56-69, 2002.

SOARES, Sueli Galli Soares. **Educação e comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação/otimismo exacerbado e lucidez pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2006.